

NOVOS DADOS SOBRE A FRAGA D'AIA (PAREDES DA BEIRA — S. JOÃO DA PESQUEIRA)

A Fraga d'Aia, abrigo pré-histórico com pinturas, foi apresentada ao meio arqueológico através de dois artigos, um deles publicado nesta revista¹. Entretanto, uma nótula sobre as análises antracológicas de amostras de carvão recolhidas foi elaborada pela doutora Isabel Figueiral².

O presente texto visa dar a conhecer um conjunto de datas de C14 recebidas em 1989 e 1990, e bem assim os resultados de uma breve acção de limpeza efectuada na area contígua à lareira 2, em Julho de 1990.

1. DATAS DE RADIOCARBONO

Foram obtidas nos laboratórios do LNETI, Sacavém (sigla ICEN) e de Gif sur Yvette, França (sigla GIF)³. Os resultados são os seguintes:

Nº de ordem	Proveniência	Resultados		Observações
		B.P.	a.C./d.C.	
ICEN - 402	D3. Cam. 3. Prof. - c. 30 cm.	8600 ± 80	6650 ± 80 a.C.	δ 13 C (%) - 23,58
ICEN - 404	D2. Cam. 3. Lareira 1.	5050 ± 140	3100 ± 140 a.C.	δ 13 C (%) - 24,48 *

¹ Vítor Oliveira Jorge *et alii*, O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira) — Notícia preliminar, *Arqueologia*, vol. 18, Dezembro 1988, pp. 109-130. Vítor Oliveira Jorge *et alii*, A Fraga d'Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira) — arte rupestre e ocupação pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVIII, fasc. 1-2, 1988, pp. 201-233.

² Isabel Figueiral, Fraga d'Aia (S. João da Pesqueira). Primeiros resultados antracológicos, *Portugalia*, nova série, vols. IX-X, 1988/89, Vária (no prelo).

³ Agradecemos aos responsáveis destes laboratórios a sua preciosa colaboração.

ICEN - 405	B2. Lareira 2.	6490 ± 60	4540 ± 60 a.C.	δ 13 C (%) - 23,24 **
ICEN - 406	D2. Cam. 3. Sob as pedras da lareira 1.	8600 ± 60	6650 ± 60 a.C.	δ 13 C (%) - 23,65
GIF - 8079	B2. Lareira 2.	5690 ± 70	3740 ± 70 a.C.	δ 13 C (%) - 26,91 Calib.: -4387,-4723 ***
GIF - 8086	D2. Cam. 2a (?)	8190 ± 90	6240 ± 90 a.C.	δ 13 C (%) - 26,35
GIF - 8087	B2. Cam. 2a.	1500 ± 50	450 ± 50 d.C.	δ 13 C (%) - 27, 23 Calib.: AD 637, 440
GIF - 8088	B3. Cam. 2b.	350 ± 50	1600 ± 50 d.C.	δ 13 C (%) - 24,91 Calib.: AD 1641, 1452
GIF - 8089	D2. Cam. 3. Sob grande penedo.	4710 ± 80	2760 ± 80 a.C.	δ 13 C(%) - 24,88 Calib.: -3214,-3664
GIF - 8090	B2. Cam. 3.	5190 ± 60	3240 ± 60 a.C.	δ 13 C(%) - 24,13 Calib.: -3826,-4213

Observações dos laboratórios:

* «Ao calibrar a data utilizando a curva de Pearson *et al.* (*Radiocarbon*, 28 (2B), 1986, pp. 911-934), obtêm-se intercepções em 3933, 3874 e 3816 cal A.C. e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 4000 - 3700 cal A.C.; para 2 sigma: 4228-4193 cal A.C.; 4160-3620 cal A.C. e 3576-3530 cal A.C.»

** «Ao calibrar a data obtida utilizando as curvas de Linick *et al.* (*Radiocarbon*, 28 (2B), 1986, pp. 943-953), Kromer *et al.* (*Radiocarbon*, 28 (2B), 1986, pp. 954-960) e Stuiver *et al.* (*Radiocarbon*, 28 (2B), 1986, pp. 969-979) obtêm-se intercepções em 5472, 5440 e 5423 cal A.C. e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 5482-5353 cal A.C.; para 2 sigma: 5500-5320 cal A.C.; 5252-5249 cal A.C.»

*** «Intervalo de confiança: 95% (2 sigmas). Calibração seg. Pazdur e Michczynska, *Radiocarbon*, 1989». (Observação idêntica para GIF-8087, GIF-8088, GIF-8089 e GIF-8090).

Que comentário se pode fazer a estas datas?

Em primeiro lugar, façamos a sua revisão crítica:

ICEN - 402 — Em face de datas como ICEN-406, esta parece aplicar-se bem à base da cam. 3, embora os carvões tenham sido recolhidos mais próximo do respectivo topo; tal facto pode dever-se à circunstância deste quadrado estar profundamente afectado por raízes de um pinheiro: o revolvimento de camadas poderia ter trazido para mais perto da superfície carvões relativamente antigos.

ICEN - 404 — 3100 ± 140 a.C. parece uma data credível para a lareira 1 (topo da cam. 3).

ICEN - 405 — 4540 ± 60 a.C. afigura-se demasiado antiga, se comparada com as duas de 3800 ± 70 a.C. (GIF - 7891 — já anteriormente publicada) e 3740 ± 70 a.C. (GIF - 8079) para a mesma lareira 2. Seríamos tentados a valorizar estas últimas, até novos testes que eventualmente verificassem se as diferenças das datas se não deverão ao facto de terem sido produzidas em laboratórios distintos.

ICEN - 406 — Tudo indica tratar-se de carvões da base da cam. 3 (aqui muito pouco espessa), e como tal bastante anteriores, mais uma vez, à ocupação do abrigo.

GIF - 8079 — V. o que se escreveu acima.

GIF - 8086 — Sobrepondo-se a cam. 2a, consoante as zonas deste quadrado, ora à cam. 3, ora à cam. 4, e sendo por vezes muito difícil separá-las dada a sua pequena espessura e pouca compactidade, admitimos, todavia, que estes carvões provenham, de facto, de um momento antigo de deposição da cam. 3.

GIF - 8087 / GIF - 8088 — estas datas são evidentemente referentes a carvões recentes, o que não é de admirar dado provirem de camadas sub-superficiais e de se tratar de uma área profundamente revolvida por raízes. Acrescente-se que a delimitação exacta de camadas, e consequentemente de carvões propícios para datações fiáveis, se tornou, em certos pontos do abrigo, tarefa muito árdua; decidiu-se porém assumir o risco de enviar certas amostras para datações como um teste às restantes observações feitas.

GIF - 8089 — Parece-nos uma data credível para carvões que provêm do topo da camada 3.

GIF - 8090 — Também nos parece uma data verosímil para a fase de ocupação humana da camada 3.

Em função do exposto, é a seguinte a imagem da diacronia do abrigo que, a título de hipótese, podemos esboçar:

— a camara 4 da base, estéril, ter-se-á deposto em época(s) indeterminada(s);

— a partir do VII^o milénio a.C. parece ter começado a depositar-se a camada 3, cuja base era também estéril;

— provavelmente nos inícios do IV^o milénio a.C. — ao nível da cam. 3 e cortando portanto a cam. 4 subjacente — foi aberta a lareira em fossa nº 2, a qual, por ausência de dados ao nosso dispor, não podemos relacionar com qualquer momento cultural preciso. É-nos lícito, porém, dizer que os seus utentes conheciam a cerâmica, tendo utilizado o pinheiro bravo como combustível, e, com toda a probabilidade, pinhas para iniciar a combustão (V. Figueiral, *op. cit.*). Estes elementos vêm também mais uma vez mostrar a grande antiguidade do pinheiro bravo nestes territórios (contemporâneo de um Neolítico Antigo da cronologia geral), ao contrário do que é hábito pensar-se;

— a ocupação principal do abrigo parece ter-se dado durante os finais do IV^o, inícios do III^o milénio a.C., altura em que se terá depositado o topo da camada 3 (e, eventualmente, a base da cam. 2), e se utilizou a lareira 1. Possivelmente nesta época realizou-se o «painel de caça» ao vídeo, que seria talvez genericamente contemporâneo da arte dos dólmen pintados do Noroeste ibérico;

— em momento pré ou proto-histórico ulterior, muito difícil de definir por ausência de materiais associáveis ou de paralelos conhecidos, ter-se-iam pintado as figuras da «fase B», de entre as quais se destaca um friso que é um dos mais notáveis exemplos da arte rupestre ibérica pós-glaciar.

2. DESLOCAÇÃO AO LOCAL

Na companhia de Susana Oliveira Jorge (F.L.U.P.) e de José Manuel Varela (G.E.A.P.), cuja colaboração agradecemos, revisitámos o abrigo em 21 de Julho de 1990, com três objectivos: observar a

vedação metálica protectora, já montada no sítio (Est. I, fig. 1); visionar as pinturas em condições de luz diferentes (em tempo de verão, e com uma exposição solar resultante dos incêndios recentes de pinhais circundantes da estação, os quais, anteriormente, lhe davam um certo carácter sombrio) e analisar com mais cuidado o contexto estratigráfico da fossa-lareira do B2, detectada e escavada no fim do último dia de trabalho em 1988. Foi assim limpa a área dos quadrados B1 e A2, e respectivos cortes estratigráficos; de facto, ligeiros remeximentos do solo provocados pela montagem da vedação e a própria acumulação natural de sedimentos e folhas de árvore nessa área periférica da estação a tal obrigaram, em ordem a uma mais clara compreensão da sequência estratigráfica.

Esta corresponde genericamente, de facto, à observada em 1988, com a diferença de que a camada 1 é bastante espessa nesta zona, e de que a camada 3 se «aproxima» mais da parede do abrigo. Durante o trabalho foram encontrados alguns objectos, que a seguir se discriminam, de acordo com as respectivas camadas; mas é óbvio que estamos numa zona periférica e onde o espólio arqueológico é já relativamente escasso. Temos, assim, os seguintes níveis (Est. I, fig.2):

c. 1 — terras húmusas superficiais, arenosas, pouco compactas, com muitas raízes e pedras;

c. 2 — terras amarelas ou castanho-amareladas, claras. Revelaram (c. 2 b) três fragmentos cerâmicos, lisos, de cor beije nas superfícies e nas fracturas, e pasta de textura compacta (A2), e uma lâmina de sílex, de secção trapezoidal (base) e triangular (extrem. distal), sem retoques (dim. max. — comp. 4,5 cm; larg. 1,5 cm. na extrem distal e 0,7 cm na base; esp. 0,4cm.) (A2);

c. 3 — terras alaranjadas ou acastanhadas, que revelaram um elemento móvel de moinho manual, em granito, de forma genericamente quadrangular de cantos arredondados (provável aproveitamento de seixo rolado), com as seguintes dimensões máximas: comp. 11,5 cm.; larg. 10,5 cm.; esp. 4,5 cm. (B1), e um fragmento cerâmico liso, de cor alaranjada na superfície externa e beije na superfície interna e nas fracturas; pasta de textura compacta (A2).

Novamente, como se vê, foi nas camadas 2 (base) e 3 (topo) que ocorreram materiais arqueológicos.

C. 4 — areão saibroso, amarelo;

C. 5 — granito alterado do substrato.

Foram recolhidos carvões (2 amostras) na camada 3. Solicitámos ao CSIC uma análise do C14 de uma dessas amostras.

Com a publicação desta nótula, e a futura divulgação da data que venha a ser obtida, damos por concluído o nosso estudo deste abrigo.

Faltará proceder à respectiva classificação (pensamos que merece ser considerado monumento nacional), a uma análise mais exaustiva das pinturas (incluindo a determinação das matérias utilizadas) e, mesmo, a um levantamento topográfico profissional. Por nós, cremos ter feito, em trabalho de equipa, o esforço possível para estudar, proteger e dar a conhecer uma das mais importantes estações de arte rupestre portuguesa.

Vítor Oliveira Jorge

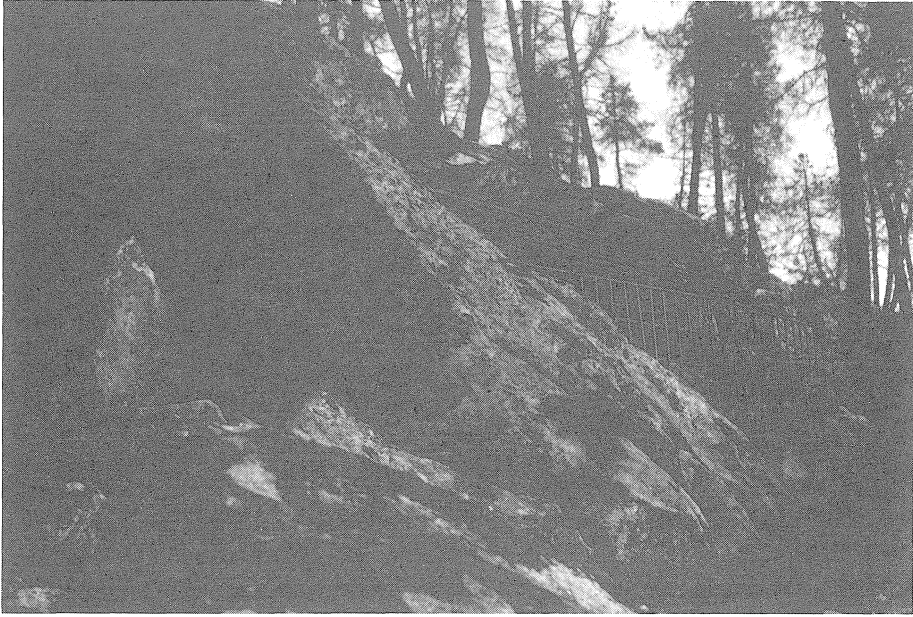


Fig. 1 — Aspecto da vedação do abrigo (Julho 1990).

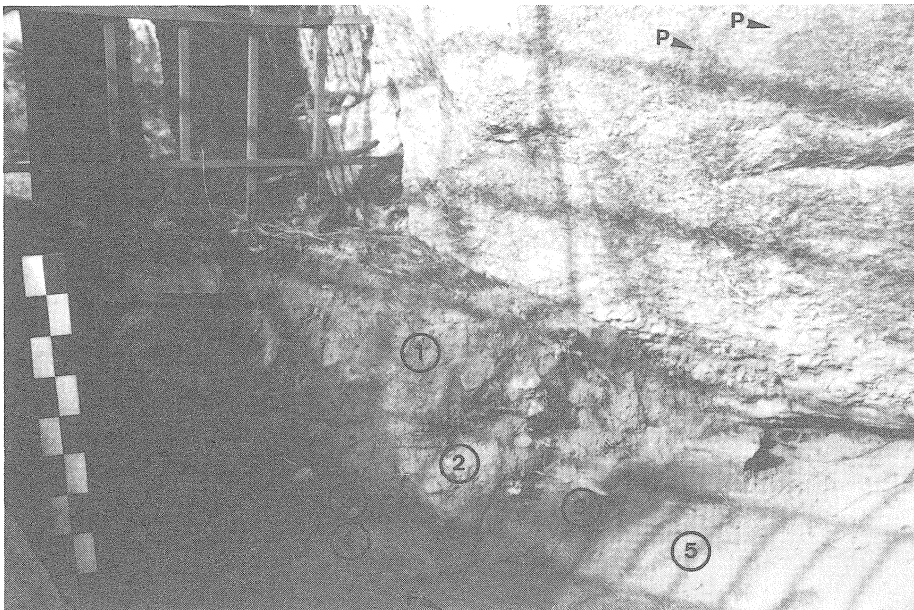


Fig. 2 — Camadas estratigráficas da área observada em Julho de 1990 (V. texto) (foto obtida aproximadamente de W.). P — pinturas; F — fossa-lareira do B2.